

## **Raízes identitárias e aspectos que objetificam o sujeito nativo em relação ao europeu: uma estratégia de leitura pós-colonialista no conto “Dois poetas da província”, de Milton Hatoum**

*Identity roots and aspects that objectify the native subject in relation to the European: a post-colonialist reading strategy in Two Provincial Poets, by Milton Hatoum*

Ana Yanca da Costa Maciel <sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da tentativa do personagem Zéfiro, no conto “Dois poetas da província” (2009), de se tornar um poeta parisiense, objetivou-se analisar a relação entre sujeito nativo e estrangeiro, defendendo que há uma outremização sobre um povo que resiste à colonização; no entanto, o sujeito nativo pode querer eventualmente se espelhar no colonizador como tentativa de escape da sua realidade. Além do aspecto contextual, também se deu relevo a alguns elementos estruturais, como o espaço, o tipo de narrador e personagem. Propõe-se que a dimensão estética é construída pela configuração estrutural que recebe os estímulos do contexto social, nesse caso, a cidade de Manaus e o fluxo migratório de classes e indivíduos. Essa perspectiva analítica pode ser compreendida como uma dialética integradora, noção desenvolvida por Antonio Candido (2006) e que corresponde a alguns critérios teóricos postulados por Yves Reuter (2002). Esses autores defendem a visão de que a estética e a sua análise não é só estrutural ou histórico-social, mas um diálogo de reciprocidade em que o primeiro atua como direcionamento para a análise e o segundo é determinante para que o autor selecione a temática que perpassará a obra. Diante disso, verificou-se que a presença do estrangeiro, no contexto do conto, contribui com a construção de estereótipos que objetificam o sujeito nativo, fazendo-o com que ora o personagem Zéfiro renegue a si mesmo, outrora afirme as suas raízes identitárias.

**Palavras-chave:** Estrangeiro; sujeito nativo; dialética integradora; Zéfiro.

**Abstract:** Considering the attempt of the character Zéfiro, in the story “Two poets of the province” (2009), to become a Parisian poet, the objective was to analyze the relationship between native and foreign subject, arguing that there is an outsourcing of a people who constantly resist colonization; however, the native subject may eventually want to mirror the colonizer as an attempt to escape his reality. For this, besides the contextual aspect, some structural elements were also emphasized, such as the space, the type of narrator and character. It is proposed that the aesthetic dimension is built by the structural configuration that receives the stimuli of the social context, in this case, the city of Manaus and the migratory flow of classes and individuals. This analytical perspective can be methodologically understood as an integrative dialectic, a notion developed by Antonio Candido (2006) and which corresponds to some theoretical criteria postulated by Yves Reuter (2002). These authors defend the view that aesthetics and their analysis is not only structural or historical-social, but a reciprocal dialogue in which the first acts as a direction for the analysis and the second is crucial for the author to select the theme that will pervade the work. Given this, it was found that the presence of the foreigner, in the context of the story, contributes to the construction of stereotypes that objectify the native subject, making him now the character Zephyr denies himself, once affirm their identity roots. To conclude the development of this analysis, we highlight the analytical perspective of Albert Memmi (2007), Homi Bhabha (1992), Alves and Bonnici (2005).

**Keywords:** Foreigner; native subject; integrative dialectic; Zephyr.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: anacmaciel3@gmail.com

## Introdução

Para esta análise, ressaltam-se dois aspectos: a literatura imbricada à sociedade (que configura a relação externa do texto) e a perspectiva estrutural dos elementos narratológicos (que configura a relação interna do texto). Vale destacar que essa dialética metodológica leva em consideração os pressupostos teóricos de Yves Reuter (2002) e Antonio Candido (2006), pois:

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2002, p. 13).

No que se refere ao elemento externo, propõe-se nestas páginas uma reflexão que tem por base a criticidade trazida pelos autores que contribuem com os Estudos Pós-coloniais ao salientar as relações de poder caracterizadas pelas diferenças étnicas, raciais e econômicas. A hipótese básica desta investigação, diante das possibilidades de análise sobre o texto ficcional, é a de que a presença do estrangeiro, no contexto do conto, contribui com a construção de estereótipos que objetificam o sujeito nativo. Para a compreensão e o desenvolvimento desta abordagem destaca-se a perspectiva analítica de Albert Memmi (2007), Homi Bhabha (1992), Alves e Bonnici (2005), Antonio Candido (2006) e Yves Reuter (2002).

Ressalta-se que *A cidade ilhada* (2009) é uma coletânea de 14 contos, a saber: “Varandas da Eva”; “Uma estrangeira da nossa rua”; “Uma carta de Brancroft”; “Um oriental na vastidão”; “Dois poetas da província”; “O adeus do comandante”; “Manaus, Bombaim, Palo Alto”; “Dois tempos”; “A casa ilhada”; “Bárbara no inverno”; “A ninfa do teatro Amazonas”; “A natureza ri da cultura”; “Encontros na península”; “Dançarinos na última noite”. Com exceção de seis contos, os outros oito já haviam sido publicados de maneira avulsa tanto no Brasil, quanto no exterior, mas passaram por uma revisão para a publicação pela editora Companhia das Letras.

Todos esses contos possuem a forma breve. A esta configuração estrutural do enredamento contemporâneo, Umberto Eco (1994) declara que a narrativa cria um mundo com uma multiplicidade de acontecimentos e personagens, não devendo dizer todos os detalhes, mas trata-se de fazer alusões a esse mundo de maneira que o leitor preencha as possíveis lacunas proporcionadas pela economia de elementos descritivos perpassados por questões linguísticas e temáticas.

Por isso, é recorrente no discurso de Eco (1994, p. 34), e é pertinente trazer essa reflexão para esta análise pelo modo de como se estrutura o conto, a afirmativa de que “o texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”. Também é nesse sentido que Ricardo Piglia (2004, p. 91) afirma que o conto é uma “microscópica máquina narrativa” porque condensa a unidade dramática, a unidade do tempo e do espaço, impactando na ação e reduzindo o número de personagens.

Conforme Ítalo Calvino (1950, p. 50) “[...] as peripécias mais extraordinárias são relatadas levando em conta apenas o essencial; é sempre uma luta contra o tempo [...]”, assim, dificilmente o leitor abandona a narrativa, pois o enredamento breve deixa-o entretido diante o grau máximo que se prolonga até o fim do texto.

Tais concepções teóricas são advindas desde Edgar Allan Poe, passando por Júlio Cortázar (2006), de forma que se possa compreender essa forma breve com a mesma importância de qualquer outra narrativa extensa, pois há múltiplos caminhos interpretativos que não a tornam uma literatura menor, mas trata-se de apurar o grau máximo do deslumbramento da linguagem conotativa.

Nesta abordagem, defende-se que o material linguístico que constitui a estética e estrutura narratológica hatoumiana não deixa de considerar o lugar de fala de quem escreve, pois este é um elemento impulsionador para a elaboração da obra. Manaus é o espaço cuja categoria narrativa ganha relevo nas construções ficcionais de Milton Hatoum, e que vincula elementos culturais e identitários que fecundam o enredamento.

Eis o lugar de fala de quem escreve o texto, um escritor, tradutor e professor universitário e que nasce em 1952 em Manaus. Milton Hatoum tem descendência libanesa e trata dos aspectos migratórios no Brasil em sua ficção a partir de uma volta ao passado, criando personagens que lidam com a memória, identidade e a problemática política e econômica brasileira em tempos de repressão. Assim, a orientação estética na construção

narratológica nos remete as seguintes problematizações: como se configura a realidade social interna à estrutura literária e qual a função exercida por esta literatura (CANDIDO, 2006).

Essa dialética atua uma sobre a outra, porque o estético também pode incorporar a dimensão social, desvencilhando a análise do “sociologismo crítico” (CANDIDO, 2006, p. 16) que condiciona a ficção ao elemento estritamente histórico, e também o seu contrário, uma crítica estilística que preze em primeiro plano apenas os elementos estruturais, desconectando-se do contexto. Por este motivo, não se busca tornar rígido, ou privilegiar apenas um pressuposto teórico e metodológico, mas considerar ambos os lados como uma dialética que se integra, tal como proferiu Antonio Candido e Yves Reuter (2002, p. 18) “trata-se de efeitos do real, produzidos por meio do texto, mediante diversos procedimentos”.

### **A configuração do conto**

Compreende-se que a experiência do autor não se coaduna e nem pode ser confundida à vivência dos personagens. No entanto, a construção imaginária do quadro narratológico expresso na obra não apaga o criador da obra, pois Milton Hatoum atribui relevo ao contexto histórico, econômico e político de Manaus. Os aspectos temáticos abordados no conto se referem ao fluxo migratório que se originaram através do Ciclo da Borracha, pela implementação da Zona Franca e o desenvolvimento agropecuário (SANTOS; BRASIL; MOURA, 2016). Esta configuração criativa nos remete aos aspectos que contemplam a perspectiva pós-colonial, pois problematiza a relação de poder entre povo dominante e povo subalterno.

Hatoum explora em sua obra marcas de uma agressão colonial ainda vigente, ao mesmo tempo em que trata de “aspectos satíricos e irônicos pelos quais mostram a infâmia da colonização e da alteridade” (BONNICI, 200, p. 25).

Mas, justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou

prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência (CANDIDO, 2006, p. 31).

De modo geral, a construção do espaço n'*A cidade ilhada* (2009) trata da presença do estrangeiro turista e sua ojeriza sobre o nativo. O estrangeiro pode ser tanto aquele que sai do Brasil para residir em uma metrópole como Paris ou Barcelona, bem como aquele que chega a terras brasileiras em busca de uma apropriação econômica, sempre tendo como eixo narrativo a ambientação ficcional da cidade de Manaus, remetendo a um tempo da ascensão ou pós-ascensão do governo militar brasileiro nos idos de 1960 e 1970.

O enredo do conto *Dois poetas da província* (2009) explora os matizes entre estrangeiro e nativo, cultura local e europeia, sendo que o personagem principal busca esconder sua origem social e passa a incorporar elementos da cultura europeia para se sentir superior entre aqueles que residem em Manaus. Este é Zéfiro, personagem que aparece com mais frequência na narrativa; logo, sua maneira de dizer, pensar e agir são relevantes porque é sobre sua história que o narrador inicia e finaliza a narrativa.

Considera-se a classificação do narrador como heterodiegético e tipo de narrador como onisciente. O primeiro aspecto se justifica pelo fato de que o narrador não faz parte da história, mas narra os acontecimentos. O narrador inicia a narrativa da seguinte maneira: "Albano pretenda começar sua vida de poeta em Paris, e Zéfiro, muito mais velho, nunca ia terminá-la: julgava-se um poeta imortal" (HATOUM, 2009, p. 37).

O segundo aspecto é justificado pelo fato de que o narrador não faz uma simples descrição dos acontecimentos, mas demonstra profundo conhecimento sobre o íntimo do personagem principal, o Zéfiro, embora este tenha seus momentos de fala. Veja-se um exemplo: "Zéfiro assentiu em silêncio, sem esconder o orgulho de quem formara leitores de literatura francesa" (HATOUM, 2009, p. 38).

Assim, segundo a categoria exposta por Gerard Genette (*apud* REUTER, 2002), o narrador heterodiegético onisciente, cuja perspectiva passa pelo narrador ao demonstrar domínio sobre o enredamento, atribui juízo de valor sobre o personagem principal.

Nesta combinação o narrador pode a priori dominar todo o saber (ele é "onisciente") e dizer tudo. Como Deus no tocante à sua criação, ele sabe mais do que todas as personagens, conhece os comportamentos e também o que pensam e sentem os diferentes atores, podendo sem

problema estar em todos os lugares e dominar o tempo: o passado, mas também - de certa maneira - o futuro.

[...]

O narrador é onisciente, pois sua visão e sua percepção não são limitadas pela perspectiva de uma personagem. Essa instância narrativa é a mais clássica e a mais frequentemente empregada no romance francês, devido principalmente ao seu poder e aos seus recursos técnicos.

[...]

No entanto, o fato de poder a priori dominar todo o saber e dizer tudo não implica necessariamente fazê-lo. De fato, para surpreender o leitor, o narrador pode retardar o momento de lhe dar uma informação (REUTIER, 2002, p. 75-77).

É o que acontece com o personagem Zéfiro, só no final da narrativa sabemos que, para chegar a sua residência é preciso pegar um ônibus para a cachoeirinha, sendo que a casa era a última da vila. Ele sempre sonhou conhecer Paris e falava dessa cidade ao seu aluno Albano como se já tivesse passado presencialmente por lá.

[...] Albano curvou a cabeça para preencher o cheque e levantou-se. Ofereceu carona a Zéfiro, e acrescentou: assim fico sabendo onde o senhor mora. O Imortal negou com uma voz nervosa: queria andar pela cidade, depois ia visitar o cônsul da França. Neste calor das duas? Trouxe o meu guarda-sol.

[...] Ergueu a bengala num gesto de adeus, o outro buzinou com estardalhaço. Zéfiro devolveu o guarda-sol ao lobby do hotel e enfrentou a tarde abrasadora. Olhou para o lado e atravessou a rua. O motorista ajudou-o a entrar no ônibus para a Cachoeirinha. Saltou entre a igreja do Pobre Diabo e o cine Ypiranga, e se enfiou num beco, caminhando lentamente até a estância Saturno. [...] destrancou a porta, escancarou a janelinha e sentou numa austríaca diante do mapa de Paris pendurado na parede da saleta (HATOUM, 2009, p. 42-43).

Portanto, no que se refere à escolha de perspectiva adotada na narrativa é o *modo de contar* (REUTER, 2002, p. 63), porque predomina a interferência do narrador, assim, a *função dele é avaliativa* (REUTER, 2002, p. 67) por centrar o julgamento do narrador sobre a história. É a partir dessa configuração diegética que sabemos sobre Zéfiro: poeta e professor de francês que cultua escritores parisienses e costumes europeus e que nunca esteve em Paris e nem conseguiu visibilidade enquanto poeta. Desta forma, tomamos conhecimento de que no tempo de magistério público, em 1969, a carreira de Zéfiro foi

interrompida pelo governo militar, a partir disso, ele tem como codinome e assim gostava de ser chamado de O Imortal.

O poeta nunca teve um livro publicado, principalmente por se posicionar contra o militarismo e, para ele, o Estado amazonense era contrário às artes. Outro aspecto necessário a se ressaltar sobre a figura de Zéfiro é a sua altivez ao afirmar que nunca precisou entrar em barco ou canoa, mas a sua relação com Paris era pública e “sua vida íntima e seu endereço eram dois mistérios que ele mantinha a todo custo” (HATOUM, 2009, p. 38). Isto porque ele morava em um lugar muito simples e tinha vergonha de levar qualquer pessoa em sua residência, pois a sua casa não era tão luxuosa quanto o seu conhecimento intelectual.

### **Raízes identitárias e os aspectos que objetificam o sujeito nativo**

*A importância funcional do tempo* (REUTER, 2002, p. 56) ganha relevo ao longo da história, pois os posicionamentos de Zéfiro, aos poucos, vão se desvelando e demonstrando que a tentativa de escapar à condição de manauara tem por base, conforme Albert Memmi (2007, p. 163) “um complexo de sentimentos que vão da vergonha ao ódio de si mesmo”. O poeta se esforça para se tornar um europeu, mas é um preço que ele não pode pagar, porque já tem uma idade avançada e não tem condições financeiras para morar em Paris. Diferente do seu aluno, Albano, que é filho de um magnata e vai tentar a vida de escritor na França.

Se decidimos compreender o fato colonial, é preciso admitir que ele é instável, que seu equilíbrio é incessantemente ameaçado. Pode-se compor com todas as situações, e o colonizado pode esperar muito tempo para viver. Entretanto, mais ou menos rapidamente, mais ou menos violentamente, por todo o movimento de sua personalidade oprimida, um dia ele começa a sua existência impossível de ser vivida. As duas saídas historicamente possíveis são então tentadas, sucessivas ou paralelamente. Ele tenta ou tornar-se diferente ou reconquistar todas as suas dimensões, das quais a colonização o amputou (MEMMI, 2007, p. 162).

A partir do excerto anterior, compreende-se que Zéfiro busca tornar-se diferente de um grupo no qual ele está inserido. Quando Albano faz o convite a Zéfiro para um almoço de despedida no restaurante de um hotel, o professor deixa em evidência toda a tentativa

de esquecer os hábitos coletivos no momento em que ele se recusa a comer uma posta de peixe, preferindo iscas de carne: “O garçom ia servir-lhe uma posta de peixe, ele cobriu o prato com as mãos” (HATOUM, 2009, p. 39). Quando personagem recusa o peixe, não é apenas uma recusa por gosto, mas uma tentativa de se igualar a um modelo de prestígio social, pois, como mencionado anteriormente, sabe-se que Zéfiro enaltece a cultura europeia, recusa-se a partilhar dos costumes manauaras como comer peixe, andar de barco e nega carona do aluno, pois o poeta não queria revelar que, para chegar a sua casa, deveria seguir o caminho que leva à cachoeirinha, pois sua residência era de madeira e a última em uma vila escondida.

Assim, esse processo é considerado por Memmi (2007, p.163) como um “arrancar-se de si mesmo”, demonstrando problemas de assimilação ao esconder suas origens. No entanto, essa busca de assimilação é uma impossibilidade porque Zéfiro não vai deixar de ser um manauara mesmo diante esse culto à Paris, mesmo recusando entrar em canoas ou recusando comer peixe; isto vai se tornando uma opressão contra si mesmo porque o personagem consegue se diferenciar do seu grupo, mas não consegue se inserir em um grupo de escritores parisienses: “Quando se cansou, os olhos vermelhos e aguados fixaram-se no mapa da cidade que sempre sonhou conhecer. Agora era tarde demais. Bocejou, a cabeça oscilou e estalou no encosto” (HATOUM, 2009, p. 43). Diante disso, observa-se que Zéfiro se divide entre duas culturas e não encontra equilíbrio, com a idade avançada e a falta de recursos, seu desejo em se tornar poeta europeu jamais fora realizado, restando-lhe apenas o próprio aniquilamento em uma relação cultural que o torna subordinado, fazendo-o ter vergonha do lugar onde mora.

Embora não pareça que seja consciente essa recusa de si mesmo para se assemelhar ao europeu, o personagem Zéfiro reconhece a tentativa de despersonalização do estrangeiro para com o nativo. O fato acontece ainda no almoço de despedida entre professor e aluno, quando os turistas chegam de um passeio no restaurante do hotel causando desconforto não apenas ao professor e aluno, como também aos funcionários do local.

Albano mastigava com pressa e olhava o relógio enquanto o ex-professor tomava vinho. Ao lado, os turistas brindavam com caipirinha, e comentavam a beleza e a magia do encontro das águas, a astúcia dos botos que saltavam e brincavam no rio Amazonas. Ou o Negro? Um dos turistas pôs uma cuia na cabeça e cobriu o rosto com uma máscara mortuária e rondou as mesas dando urros e saltitando. Zéfiro olhou o turista de soslaio: *Mais quel idiot.! C'est dégûtant.* Se Jean-Paul visse isso, diria: *L'idiot de la tribus.*

Outros imitaram o bufão e o barulho fiou insuportável. Albano afastou o prato, pediu um café e a conta. Os risos aumentavam, as brincadeiras tornavam-se estocadas grotescas: máscaras, cocares e colares eram lançados para o alto e caíam no chão.

[...]

O Imortal pôs as mãos na mesa e virou a cabeça para a balbúrdia na sala: adornos de plumas voavam entre as mesas, máscaras mortuárias eram pisoteadas e rasgadas. Os garçons, acuados, assistiam à cena com ar triste e resignado

[...] Jean-Paul viu uma cena parecida... Sabes o que ele disse? Zéphir, você, que é um nativo, diga-me uma coisa: quem são os verdadeiros selvagens? (HATOUM, 2007, p.41-42).

Na cena anterior, ratifica-se que o estrangeiro, cuja mentalidade constitui-se em torno de um eurocentrismo, busca ridicularizar a figura do nativo ao negar sua dignidade humana. Os outros personagens que presenciam a cena não tomam atitude, embora apareçam resignados. Então o despertar para as situações de opressão não ocorre de maneira integral. É necessária a tomada de consciência, resistir e preservar os valores culturais de uma comunidade, ainda que seja considerada primitiva. Não há cultura superior ou inferior, há constituições de valores diferentes. Quando se supõe a subalternidade de uma cultura, instaura-se a violência simbólica que encobre o outro anulando sua história; este foi o processo que levou a Europa ao centro do espaço, isto é, através de uma imposição da cultura e, principalmente, da língua.

Os estrangeiros se apropriam dos artefatos culturais dos manauaras e transformam-nos em estereótipos e sujeitos à ridicularização. Assim, essa relação se torna um choque de culturas, pois o turista relega o nativo à condição de inferior, comparando-o a animais, “através da criação de estereótipos, da degradação do nativo” (ALVES e BONNICI, 2005, p. 8). Pelo modo de vida dos indígenas, os turistas constroem um discurso colonizador ao considerar primitiva a formação cultural que diverge da sua e isso

se torna justificativa para a formação imaginária de superioridade, negando a cultura do outro através da construção de estereótipos.

Estereotipar não é criar uma imagem falsa que se transforma no bode expiatório das práticas discriminatórias. É um texto mais ambivalente de projeção e introjeção de estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamentos, causas múltiplas, culpa e agressividade; significa o encobrimento e a ruptura de conhecimentos “oficiais” e fantasmáticos para construir as posições e oposições do discurso racista (BHABHA, 1992, p. 200).

Nesse sentido, quando o turista faz essa diferenciação como tentativa de construir ambivalência que prestigie práticas hierarquizantes, ele está outremizando o nativo. Conforme os estudos de Alves e Bonnici (2005), em Spivak, há três maneiras de inserir o nativo à outremização, que seria basicamente explorar as terras do nativo demonstrando superioridade por parte de quem vem de fora e inferioridade de quem é nativo; obscurecer a figura do sujeito que nasceu em uma determinada localidade, sempre o assimilando ao animalesco para que, por fim, crie-se uma ambivalência ao se estabelecer a relação entre um grupo superior e um grupo subalterno.

O conto *Dois poetas da província* (2009) suscita a seguinte indagação: a literatura deve ser intemporal para se tornar universal? Este questionamento traz a reflexão de que não há como apagar o lugar de fala de quem escreve o texto, nem os aspectos do contexto cultural em que uma literatura é produzida. Conforme José Lemes Monteiro (2005), todos os aspectos linguísticos que constituem a poética de uma linguagem ficcional estão relacionados intrinsecamente com o desenvolvimento histórico estilístico, desta maneira, “[A literatura] necessita conhecer-se como produto de um processo histórico que [nela] depositou uma infinidade sem deixar inventário” (Gramsci 1985 apud BONNICI, 200, p. 7). Assim, todo o processo de produção da obra não se encontra na intemporalidade e este não é o critério para uma literatura se tornar universal.

É a partir desse tipo de narrativa que se torna necessário repensar o futuro da literatura, um futuro que já havia sido pensado em 1985 por Ítalo Calvino, quando ele se submete à elaboração de seis propostas para o próximo milênio, proferidas na Universidade de Harvard, em Cambridge. No entanto, Calvino proferiu apenas cinco, das

seis propostas, pois acabou falecendo e não deixou nenhum escrito do que seria a sexta proposta.

De forma geral, essas propostas têm como legado, para as gerações do ano 2000 em diante, a preservação de alguns valores literários, a saber: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e a última cogita-se que se nomearia consistência (CALVINO, 1988), no entanto, não há registros do que essa seção abordaria.

Com o passar dos anos, povos que estavam à margem da literatura, seja no processo de inserção no mercado editorial, seja no processo de constituição canônica criaram movimentos de resistência em busca de visibilidade e legitimidade no espaço literário. Foi diante disso que Ricardo Piglia retomou um trabalho iniciado por Calvino em 1985, passando a repensar o futuro da literatura; assim, Piglia (2012) cria a sexta proposta para o próximo milênio, que se refere à construção de contranarrativa de deslocamento do centro para a margem e da margem para o centro.

A partir da conferência de Piglia (2012), problematizam-se as possibilidades de literatura do futuro com enfoque de perspectiva sobre a literatura que está nas margens. Um dos pontos críticos levantados pelo teórico é: de que maneira se pode pensar o futuro da literatura, que ocupa um lugar marginal, com propostas advindas de um país central, como a Itália de Calvino? O que se torna importante pensar, diante a problematização de Piglia (2012) sobre Calvino (1988), são os diferentes contextos da literatura, que em alguns casos ainda é objeto de luta, resistência que se encontra no processo de se ter um espaço legitimado no campo literário.

Creio, então, que poderíamos imaginar que há uma sexta proposta que eu chamaria, então, de distância, deslocamento, mudança de lugar. Sair do centro, deixar que a língua fale também na margem, no que se ouve, no que chega de outro" (PIGLIA, 2012, p. 4).

É necessário que a margem levante as próprias perspectivas e problematizações de literatura do futuro, reconstruindo narrativas apagadas ou silenciadas que circulam na sociedade, indo de encontro às narrativas que são criadas, a partir de um relato parcial, como tentativa de encobrimento.

As aspirações e valores do tempo, bem como a técnica de comunicação que uma sociedade dispõe, perpassa a obra e acentua a posição sócio-política em que Hatoum

está inserido, guiando-o em sua produção literária. Ainda que os elementos temáticos e estilísticos sejam constituídos a partir de uma individualidade, esta individualidade se socializa, pois corresponde também a uma coletividade, “seja por meio de uma consciência comum, seja pela formação de grupos geralmente determinados pela técnica” (CANDIDO, 2006, p. 37).

Diante da narrativa “Dois poetas da província”, evidencia-se a problemática e a reflexão sobre a produção cultural de Manaus na visão dos personagens. Quando Manaus é referida como província, subtende-se que Paris e toda a cultura europeia estão em um nível superior de civilização e deixa-se de lado a compreensão da constituição cultural de cada localidade. Então, esse provincianismo é a idolatria aos costumes estrangeiros e, com isto, o desejo de se inserir no mesmo prestígio sociocultural. Eis que o personagem Zéfiro vai criando para si uma cultura artificial e se ele considera Manaus uma província, talvez sua mentalidade seja mais provinciana, porque ele se espelha nos costumes europeus, nos quais não é capaz de se inserir, assumindo, assim, o ponto de vista do colonizador.

### **Considerações Finais**

O trabalho aqui desenvolvido levou em consideração alguns elementos estruturais que constituem a narrativa, perscrutando também a análise em perspectiva pós-colonial sobre o personagem Zéfiro em *Dois poetas da província*, do livro *A cidade Ilhada* (2009), de Milton Hatoum.

Nesta abordagem, consideraram-se os dois aspectos analíticos como uma dialética que se integra e atua uma sobre a outra, conforme as concepções teóricas postuladas por Antonio Candido e Yves Reuter. Evidenciou-se, também, na construção ficcional dos espaços habitados pelo personagem, representações discursivas que demonstram a busca fracassada do professor Zéfiro em se tornar um escritor europeu, e nessa busca o personagem desejava se assimilar a uma cultura a que nunca teve acesso, senão por livros e mapas. Isso desencadeou um processo de aniquilamento sobre si mesmo, ao tentar apagar de seu cotidiano práticas comuns aos manauaras.

Verifica-se que o personagem desempenhava a tentativa de circular em lugares privilegiados, ao passo que se empenhava em apagar suas raízes. Ainda que não lhe parecesse consciente, Zéfiro conseguia identificar a objetificação presente no discurso do estrangeiro sobre o povo nativo da cidade de Manaus. No entanto, ele não demonstrou reflexão sobre os próprios atos que colaboravam com a construção discursiva colonizadora, embora não ocupasse o mesmo lugar e os mesmos privilégios de um colonizador.

Ao dar visibilidade em sua narrativa para tais aspectos, Hatoum demonstra os resquícios da violência simbólica oriundas do processo colonial de Manaus e que o fluxo de estrangeiros, no contexto do conto, pode provocar um choque cultural criando a ambivalência entre colonizado e colonizador. Vale ressaltar que essa ambivalência se constrói mutuamente, quando se estabelece hierarquias discursivas que visam aniquilar caracteres de uma cultura considerada pouco civilizada, principalmente quando há uma relação intrínseca à natureza.

Conforme o exposto ressalta-se que não se defende a literatura enquanto manifestação artística dissociada de seu contexto de produção, mas a partir de seu contexto, constitui-se uma estética individual, seja para afirmar os modelos já existentes ou para negá-los, exprimindo-se, assim, a originalidade do autor. Nesta perspectiva, defendeu-se que os fatores sociais perpassam a linguagem literária como estímulo de criação.

[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.

[...]

Tal método, cujo aperfeiçoamento será decerto uma das tarefas desta segunda metade do século, no campo dos estudos literários, permitirá levar o ponto de vista sintético à intimidade da interpretação, desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores externos e internos, que ainda serve atualmente para suprir a carência de critérios adequados. Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra. E isto será o avesso do que se observava na crítica determinista, contra a qual se rebelaram justamente muitos críticos deste século, pois ela anulava a individualidade da obra, integrando-a numa visão demasiado ampla e genérica dos elementos sociais (CANDIDO, 2006, p. 24).

Distanciar-se do estruturalismo radical e do sociologismo crítico é ter como pressuposto a “obra como organismo” (CANDIDO, 2006, p. 24), pois o modo de pensar contemporâneo abarca tanto o contexto, quanto os elementos estruturais como dialogantes, proporcionando um fecundo modo de interpretar o texto.

Problematizar a relação entre cultura local e cultura estrangeira, a relação entre turista/estrangeiro e sujeito nativo é uma necessidade literária que proporciona a abertura de espaços para as vozes silenciadas diante de relatos parciais, e que essas histórias possam funcionar como contranarrativas frente a discursos que colaboram com a outremização do sujeito nativo, constituindo-se, assim, um espaço legitimado no campo literário.

A leitura do conto nos remete à reflexão sobre a importância de se ter uma postura ética em relação à cultura do outro, assim, ela é somente um meio de conhecimento, mas também um meio humanizador e nos faz ter acesso às distintas configurações culturais (CANDIDO, 2004). Nesse sentido, os Estudos Pós-coloniais dialogam com este quesito porque provocam o rompimento do paradigma que relega a literatura como pertencente a uma classe privilegiada, além de questionar as relações de produção dentro do contexto de quem escreve, do tempo em que se escreve, de onde se escreve, bem como a constituição da estrutura social de um local.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Elis Regina Fernandes; BONNICI, Thomas; *Estratégias de outremização em The Narrative of Jacobus Coetzee*. Acta Scientiarum- Human and Social Sciences V. 27, n. 1, p. 7-14, 2005.

BHABHA, Homi. (1992), *A questão do outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo*, in Heloísa Buarque de Holanda (org.), Pós-modernismo e política, Rio de Janeiro, Rocco.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura*. Maringá: Eduem, 2000.

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. São Paulo: Companhia das letras, 1950.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

- CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 227-237.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MEMMI, Albert. *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. *Uma proposta para o novo milênio*. Trad. Marcos Visnadi. Lisboa, Buenos Aires: Coletivo Chão da Feira, 2012. Disponível em <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad02.pdf>. Acesso em 16 abr. 2019.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SANTOS, Carlos Augusto dos, BRASIL, Marília Carvalho, MOURA, Hélio Augusto de. *"Personae Non Gratae?": a imigração indocumentada no estado do Amazonas*, 2016. Disponível em: [www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/970/935](http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/970/935). Acesso em 15 jun. 2019.